



Pró-reitores falam

Na série que faz o balanço dos dois anos de Aloísio Teixeira, o Jornal do SINTUFRJ publica entrevistas com os pró-reitores José Roberto Meyer e José Luiz Monteiro e com o prefeito da Cidade Universitária, Hélio de Mattos. Na próxima edição será a vez do Sindicato e da comunidade fazer sua avaliação.

Páginas 9, 10 e 11

Acesso sem vestibular
CEG examina proposta. *Página 2*

60 anos da bomba de Hiroshima. *Página 12*



JORNAL DO
Sintufjr
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Fotos: Niko Júnior

NES

O Sindicato está articulando reunião em Brasília na próxima semana nos ministérios da Educação e do Planejamento, que estão examinando os documentos elaborados sobre o assunto. Nova reunião deverá ser marcada com os trabalhadores na UFRJ.

Assembléia GERAL

**Dia 11 de agosto,
quinta-feira,
14 horas, no
Quinhentão**

PAUTA

- Informe gerais
- Eleição de delegados à plenária da Fasubra

Sintufjr

Proporcionalidade de volta ao Sintufjr

8º Congresso do SINTUFRJ
3, 4 e 5 de AGOSTO de 2005 CCS/UFRJ



O 8º Congresso do SINTUFRJ decidiu alterar o estatuto da entidade e restabelecer o critério da proporcionalidade para a composição da direção do Sindicato. O critério vai vigorar já a partir das próximas eleições, que deverão ocorrer antes do fim deste ano. Durante três dias 112 delegados credenciados participaram de intensas discussões. A reunião refletiu a crise política que envolve o país. Uma das resoluções pede a cassação dos mandatos com prisão e apreensão de bens dos envolvidos na corrupção. Debates trataram da conjuntura e das reformas sindical e universitária. *Páginas 3, 4, 5, 6 e 7*

MESA QUE ABRIU O CONGRESSO. José Miguel (Adufrj), Ariane Larentes (APG), Bernardo Lima (DCE), Roberto Gambine (PR-4), Ana Maria Ribeiro (presidindo a mesa), Paulo Henrique (Fasubra), Manoel Ramos (CUT) e João Ferreira (CCS)



JORNAL DO
SINTUFRJ
JORNAL DO SINDICATO
DOS TRABALHADORES
EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ
Cx Postal 68030 - Cep 21944-970 - CGC:42126300/0001-61

Coordenação de Comunicação Sindical: Antonio Gutemberg Alves do Traco, Neuza Luzia e Gerusa Rodrigues / **Conselho Editorial:** Coordenação Geral e Coordenação de Comunicação / **Edição:** L.C. Maranhão / **Reportagem:** Ana de Angelis, Lili Amaral e Regina Rocha. **Estagiária:** Renata Souza / **Projeto Gráfico:** Luís Fernando Couto / **Diagramação:** Luís Fernando Couto e Caio Souto / **Assistente de Produção:** Jamil Malafaia / **Ilustração:** André Amaral / **Fotografia:** Niko Júnior / **Revisão:** Roberto Azul / **Tiragem:** 11 mil exemplares / As matérias não assinadas deste jornal são de responsabilidade da Coordenação de Comunicação Sindical / **Correspondência:** aos cuidados da Coordenação de Comunicação. **Fax:** 21 2260-9343. **Tels:** 2560-8615/2590-7209 ramais 214 e 215.



MOVIMENTO

Lessa e Nilo falam ao MST

Militantes do movimento social fazem curso na UFRJ e discutem realidade brasileira

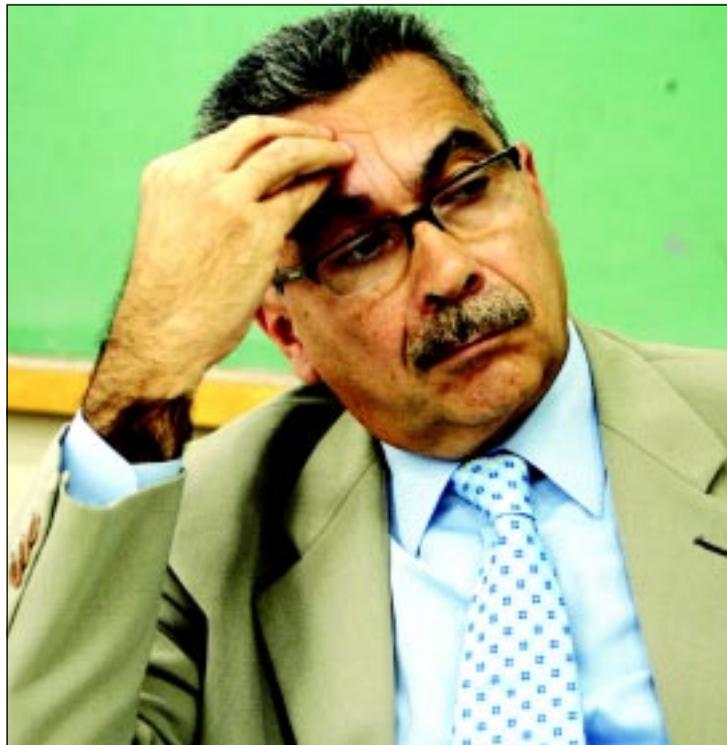
Fotos: Niko Júnior

O economista e ex-reitor da UFRJ, Carlos Lessa, o advogado Nilo Batista e a professora de História da UFF, Virginia Fontes, abriram a quarta etapa do curso de extensão Teorias Sociais e Produção do Conhecimento, dia 25 de julho, na UFRJ. Eles falaram para uma platéia muito especial: militantes do movimento social. O tema colocado para uma atenta platéia caiu como uma luva em tempos de crise política: “Desafios da Realidade Atual”.

O curso de Filosofia faz parte do projeto da Reitoria que procura integrar a universidade com os movimentos sociais, e foi elaborado pela Pró-Reitoria de Extensão em conjunto com a Decania do Centro de Filosofia e Ciências Sociais e em parceria com a Escola Nacional Florestan Fernandes. É ministrado no período de férias escolares e está estruturado em cinco etapas. Participam, além de trabalhadores sem-terra, representantes de outras entidades, como a Comissão Pastoral da Terra e a Central de Movimentos Populares.

Criatividade do povo

Carlos Lessa centrou sua explanação nas qualidades do povo brasileiro, que utiliza sua criatividade para driblar as inúmeras dificuldades que enfrenta. Sobre a política, Lessa afirmou que existe um fenômeno no país, que é a mercantilização do voto. “O acesso aos serviços públicos é visto como donativo e por isso vira moeda de troca”, sentencia. Segundo Lessa, essa mercantilização do voto acaba por degradar o processo democrático. E num sistema em que há sérios problemas de organização política a direita trabalha para mostrar que o voto, se não for usado como mercadoria, não serve. “E aí começa o desvio de conduta”, analisa. O economista, que chegou a assu-



NILO BATISTA. “MST leva a luta organizando o povo”



CARLOS LESSA. “O voto, no Brasil, virou moeda de troca”

mir a presidência do BNDES no governo Lula, afirma que para superar estas questões é impossível achar uma saída num ritmo de “assembléia permanente”, que para ele tem sido uma das características do governo Lula. Mas Lessa diz acreditar muito nesse povo, que é, acima de tudo, muito especial.

Capitalismo criminaliza

O advogado Nilo Batista – que já exerceu o cargo de governador do Rio de Janeiro, como vice de Leonel Brizola – refletiu sobre o capitalismo e a criminalização dos movimentos sociais, especificamente o MST, que combate exatamente a doutrina capitalista. “O MST é um dos poucos movimentos sociais que leva sua luta organizando o povo. Isso num sistema que não dorme e que busca se reproduzir vinte e quatro horas por dia. Um capitalismo que procura se expandir, inclusive, com a quebra de barreiras econômicas, políticas e geográficas. E vai por isso criminalizar estratégias de sobrevivência das cadeias produtivas informais, assim como os movimentos sociais,



ESTUDANTES MUITO ESPECIAIS. Militantes do MST e de outras entidades na UFRJ

vide MST”, explica Nilo. O advogado alerta que há na sociedade o monopólio do poder punitivo, e esse poder acaba se sustentando numa “legalidade” burguesa. E levanta uma reflexão baseando-se na história: “as revoluções foram feitas contra o poder punitivo”. Nilo Batista, ao encerrar sua fala, fez uma referência à crise atual, criticando o papel da mídia que está a serviço dos interesses dominantes, e à falta de um contraponto do movimento popular: “Eles estão dizendo tudo. Nós apenas os interpretamos. Esta imprensa precisa de controle.”

Dedo na ferida

A última a se pronunciar na abertura do curso foi a professora Virginia Fontes. Virginia colocou o dedo da ferida tanto do governo quanto dos movimentos sociais. Ela levantou uma série de questões sobre as generalizações das análises políticas da esquerda, o seu papel e sua posição no atual momento político. Para os sem-terra, Virginia afirmou que nunca se deve perder a visão de classe numa sociedade que é lugar de luta, onde existe divisão e as posições são bem definidas. “É preciso ter clareza da divisão de classes. E questio-

nar. O que é o projeto de desenvolvimento hoje? Quais são os objetivos da classe dominante brasileira?”, provoca. Sobre o PT, Virginia Fontes declara: “O PT achou que podia fazer a mesma política que seus adversários, mas esqueceu que ele tem uma história diferente dos outros partidos.” Para ela, a crise que mergulhou o país na corrupção, mostra que não houve um esforço de um projeto popular transformador, mas o aprofundamento da terceira via. E o que está em jogo é exatamente isso. “Esta é a disputa que está envolvida na questão”, avalia.

Ponto fundamental para a categoria na conjuntura, o novo Plano de Carreira foi debatido na tarde do segundo dia do Congresso, dia 4, por Loiva Isabel Chansis e Tônia Duarte, ambas da Comissão Nacional de Supervisão da Carreira. Carreira, explicou Tônia, é o caminho profissional que as pessoas fazem nas suas vidas, um instrumento de gestão. Para ela, deve ser uma preocupação do Estado e do gestor público: “O crescimento do servidor e sua avaliação envolve a participação no planejamento institucional, o que, por sua vez, implica democratização das relações de trabalho.”

Tônia destacou como pontos importantes conquistados pelo Plano de Carreira o tratamento igualitário entre ativos, aposentados e pensionistas, além das comissões que fiscalizarão a implantação do Plano, toda eleita com representantes da categoria. “Não conseguimos o piso e o estepe que reivindicamos. O rebaixamento do estepe, deixou o teto reduzido e nossa tabela ainda na condição das piores do serviço público. O VBC não é uma perda, mas impede ganhos gerais com o aumento do estepe”, observou Tônia. Para ela, o direito à implantação da segunda etapa do enquadramento está previsto em lei, e pontos como a relação piso-estepe, correção do VBC e racionalização têm que ser garantidos no orçamento e têm que estar no centro da luta.

IMPORTÂNCIA - Loiva explicou que o grande desafio é vencer os limites que acabaram colocados, como o

A Carreira e seus desafios

fato de não termos conquistado o cargo único. Em contrapartida, o projeto trouxe avanços, como a primeira concepção de ambientes organizacionais em que o servidor pode se desenvolver e ter capacitação com diretrizes estabelecidas em um Plano de Desenvolvimento Institucional, ligado ao planejamento estratégico da instituição.

Ela destaca a concepção de que “somos trabalhadores em educação, nosso fazer tem papel estratégico na formação; somos agentes de transformação na sociedade e temos compromisso com a sociedade que nos paga”. Segundo ela, os técnicos-administrativos são co-participantes na pesquisa e no ensino, mas, infelizmente, prevalece a idéia de que não são importantes: “Nós fazemos a história da Universidade.”

“Nós temos compromisso; trabalhamos com o público”, explica ela. Por isso a preocupação, dentro Plano de Desenvolvimento Institucional, com a avaliação de desempenho. Para ela, é um desafio audacioso, que permite avaliar a instituição, a relação com usuários, o planejamento estratégico, condições de trabalho e se as grandes metas institucionais foram ou não alcançadas. Com determinação de propósitos e revisão de metas, num processo que não se fecha; “que não tem fim, como um ciclo”, finaliza.

PÚBLICO PARTICIPA - As manifestações do público se dividiram entre dúvidas, críticas e elogios à nova Carreira. Entre os aspectos positivos ficou o fato de que a classificação dos cargos não se limitou ao nível de instrução e à obrigação da capacitação periódica. Alguns perguntaram se está em cogitação na negociação a ampliação dos

níveis de capacitação e como ficarão as vantagens dos aposentados com os artigos 184 e 192, cujos valores não foram revistos.

Celso Carvalho, coordenador da Fasubra, ponderou acerca do próximo passo que a categoria deve dar, como a articulação com todo o conjunto dos servidores públicos federais, e que outras federações estão trabalhando com conceitos de carreira próximos do que a Fasubra conquistou: “Esse deve ser nosso centro; próximo passo deve ser com o conjunto do serviço público e tentar construir uma política de relação de trabalho.” Segundo ele. Dias 5, 6 e 7 estaria acontecendo o encontro do Setor Público (servidores municipais, estaduais e federais, da CUT) para um debate no conjunto do setor.

Loiva comentou que questões como a ampliação dos níveis e a resolução para o congelamento dos artigos 184 e 192 estão sendo discutidas no grupo de trabalho nacional. Ela concordou com Celso e disse que existiram avanços e limites, e que a partir de agora o grande desafio será fazer com que esses limites - sejam de orçamento ou de gestores - sejam ultrapassados.

Tônia explicou que a segunda etapa do enquadramento era garantida por lei e que obviamente a implantação iria depender do orçamento. A maioria dos limites que estão colocados, segundo ela, foi identificada e remetida à análise da base e o que se obteve foi aquilo para o qual se teve força: “Vamos passar a construir um passo maior, do ponto de vista geral, resgatar conquistas históricas.” Para ela, é importante “sair do nosso umbigo e trabalhar com o conjunto da classe trabalhadora”.



TÔNIA DUARTE. Ela destacou pontos positivos e negativos



LOIVA. “Grande desafio é vencer os limites postos”

O projeto de reforma da educação superior foi o tema do debate no primeiro dia do Congresso do SINTUFRJ, que chegou a elevada temperatura em alguns momentos. Não é para menos, o projeto do governo trata de questões que envolvem a universidade e seus trabalhadores, e no interior do movimento há análises diferentes sobre a proposta. O debate foi feito entre Celso Carvalho (Fasubra), Sônia Lúcio (Andes) e Janine Teixeira (Fasubra).

Educação: visões diferentes

DISPUTA - O coordenador de Educação da Fasubra, Celso Carvalho, o primeiro a falar, destacou a importância da Educação no mundo e apresentou números sobre a ampliação do setor privado no Brasil. Na sua análise esta ampliação se deu por uma opção política dos governos: “No Brasil temos 1.859 instituições de educação superior, destas 1.652 são privadas. Só temos 207 instituições públicas de educação superior. Esses dados são para chamar a atenção que a opção política no Brasil, como no mundo, foi pelo viés privado.”

Celso sustentou que essa realidade tem que ser encarada pelos trabalhadores da educação que defendem a educação pública. “Temos que construir uma política para reverter esse quadro”, alerta. Ele defende que a construção desta política passa por um Estado que seja fiscalizador e regulador do sistema de ensino. O coordenador de Educação afirmou que o projeto de reforma universitária apresentado pelo governo, em todas as suas versões, dá conta da presença do Estado. Porém, ele diz que o Estado perdeu a força em relação ao ensino privado, contida na primeira versão. Celso parabenizou o Andes, que decidiu apresentar um projeto de substitutivo global ao Congresso Nacional, assim como a Fasubra, que tem o seu Projeto Universidade Cidadã para os Trabalha-

dores e fará uma disputa no Congresso.

AGENDA DE FORA - Para a representante do Andes (sindicato nacional dos docentes), Sônia Lúcio, sua entidade deve rejeitar a proposta de reforma do governo e apresentar um projeto próprio, construído há anos nas lutas e debates do Fórum em Defesa da Escola Pública: “Recusamos a proposta porque entendemos que é mais urgente defendermos um projeto unitário para o movimento social.”

Sônia Lúcio afirma que a reforma, ou as reformas do governo, visa cumprir uma agenda política comprometida com o capital financeiro: “Os organismos internacionais têm sido reguladores políticos para nortear e apresentar projetos para reforma da educação superior e isso com condicionantes.” Segundo Sônia, o Brasil tem cumprido à risca a agenda definida pelo Banco Mundial. Na sua avaliação o projeto de reforma da educação é uma contra-reforma que busca o financiamento de recursos para o setor privado e atende a interesses do capital financeiro internacional. “A versão definitiva do anteprojeto acaba por legalizar e consolidar a opção privatista”, acusa.

Sônia Lúcio informou que o Andes, em sua última plenária nacional, decidiu pela apresentação ao Congresso Nacional de um substitutivo

global, não para disputar, mas para resgatar as bandeiras do movimento da Educação.

SHOW DE MÍDIA - Também coordenadora de Educação da Fasubra, Janine Teixeira disse que não houve debate sobre a reforma da Educação. “O que houve foi um show de mídia”. Sobre as versões do projeto da reforma, ela diz que houve recuo da primeira para as subsequentes. E destaca a política de ações afirmativas, a regulamentação do setor privado e das fundações como exemplo de recuos: “Acabou a regulamentação do setor privado. A Educação aparece não como direito, mas como algo que pode ser comercializado.” Segundo Janine, a segunda versão teve retrocesso para o setor público. “A contratação temporária de funcionários e docentes fica institucionalizada. Foi uma proposta da Andifes. Isso significa dizer que não precisa ter concurso público”. Na opinião da dirigente, “o projeto também autoriza a remuneração extraordinária e gratificações específicas, o que acaba com a lógica da carreira”. Sobre os aposentados ela afirmou que não existe mais fonte de recursos para o seu pagamento: “A primeira versão garantia recursos do Tesouro.”

Segundo Janine, existe uma proposta de lei orgânica e uma reforma contínua e por fora, como foi o ProUne e a lei de inovações tecnológicas.



JANINE. “O governo recuou na proposta”



SÔNIA LÚCIO. “Agenda comprometida”



CELSON. “Estado fiscalizador do ensino”

Vestibular: inscrições abertas

De acordo com a superintendente da PR-1, 231, novas vagas foram criadas

A UFRJ vai continuar sendo a única universidade do Rio de Janeiro a aplicar provas discursivas no vestibular, mas, em 2006, inaugura um novo modelo acadêmico de avaliação, mais simples que os anteriores, que vai fazer a diferença para os mais de 40 mil candidatos que deverão disputar uma das 6.846 vagas para os cursos de graduação. Em 2005 se inscreveram para o concurso 43 mil pessoas. As outras novidades são as inscrições apenas via internet e os novos cursos oferecidos.

As inscrições começaram nesta segunda-feira, dia 8, e vão se estender até 26 de agosto. A taxa de R\$ 85,00 poderá ser paga em espécie através de boleto bancário impresso da internet; por débito em conta (correntista); ou por meio de qualquer outro serviço da via por rede. O cartão de confirmação será enviado pelo correio até o dia 17 de outubro.

INSCRIÇÃO - A decisão pela inscrição via internet foi em razão de 70% dos participantes do último concurso terem optado pela rede, inclusive os candidatos que pediram isenção do pagamento da taxa. Outro motivo, segundo a superintendente da Pró-Reitoria de Graduação e coordenadora do Vestibular da UFRJ, Deia Maria Ferreira, é que as fichas preenchidas a mão vinham com muitos erros.

www.vestibular.ufrj.br este é o caminho para a inscrição dos vestibulandos. Mas quem não tiver acesso particular à rede vai dispor dos postos (veja a relação dos locais no mesmo endereço eletrônico) montados pela UFRJ em pontos-chave da cidade e municípios vizinhos, com computadores e pessoas qualificadas para ajudar os candidatos nessa importante tarefa. No *campus* do Fun-

dão o atendimento será no CCMN (Avenida Brigadeiro Trompowsky, s/n, bloco C). Nessa mesma unidade funciona no bloco D a coordenação geral do concurso.

MAIS CURSOS E VAGAS - Foram criadas 231 novas vagas para o vestibular 2006, e outra boa novidade são os novos cursos criados. Na área biomédica: Ciências Biológicas modalidade Biofísica, com 30 vagas, e Licenciatura em Ciências Biológicas/Macaé, com 50 vagas; curso diurno de Bacharelado em Educação Física, com 80 novas vagas; e, na área das ciências humanas, o novo curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, com 30 vagas. Também foram criadas novas vagas nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, 8 novas vagas, Ciências Biológicas modalidade Médica, 7 vagas, Microbiologia e Imunobiologia, 5 vagas, Nutrição, 8 vagas, e Bacharelado em Música, 13 vagas.

UFRJ ANTENADA - Segundo a coordenadora do vestibular, os novos cursos são especiais e atendem às necessidades do mundo de hoje. As áreas de Biofísica e de Biblioteconomia e Gestão da Informação vão preparar profissionais capazes de lidar com processos de pesquisa de ponta e de gerenciar o tratamento e a circulação de informação, são as áreas "quentes". O curso de Biofísica se insere numa área de pesquisa realizada pela UFRJ internacionalmente reconhecida por

sua excelência. Todas as modificações do próximo vestibular foram propostas pelo coordenador acadêmico do concurso, Luiz Otávio Langrois, e aprovadas pelo CEG e Consuni.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES - Qualquer dúvida a respeito dos procedimentos exigidos poderá ser tirada pelo telefone (021) 2598-9430. A partir de outubro esse número funcionará como uma central, e uma equipe de dez pessoas estará à disposição para atender os candidatos, que também podem se comunicar através do e-mail vestibular@ufrj.br. O candidato que não receber o cartão de confirmação de inscrição até a data prevista, que indicará o curso escolhido, o endereço do local das provas, número da sala, dia e horário, deverá confirmar sua inscrição, a partir do dia 18 de outubro, pelo endereço eletrônico ou através do telefone disponibilizado, das 9h às 17h.

Novidades — Reduzir de três para dois dias de provas, aumentando de quatro para cinco horas o

tempo de duração destas é a grande novidade do próximo vestibular da UFRJ. "A gente percebe que os candidatos fazem concurso para todas ou para um grande conjunto de universidades públicas, o significa que de novembro a janeiro todos os domingos têm provas. Como a ampla maioria das instituições, por alguns critérios já haviam simplificado o modelo acadêmico e só a UFRJ não, decidimos acompanhar a

tendência, sem perder a qualidade", explicou a coordenadora do vestibular. E para atender a esse modelo, disse que, de um modo geral, as provas serão um pouco mais simples que as do último concurso, e em muitos casos, exigirão menos tempo do candidato: "As questões seguem rigorosamente o ensino básico, com perguntas que valorizam o discernimento e a razão, nada de decoreba e pedadinhas."



DEIA. " Fizemos mudanças sem perder a qualidade"

Excelência na pós-graduação

José Luiz Monteiro disse que a UFRJ recuperou espaços nos fóruns externos

Das federais, a UFRJ é a que oferece o maior número de programas de pós-graduação: 84. Só fica atrás, entre todas as instituições de nível superior, da USP e UNESP (as duas do governo do Estado de São Paulo). Mesmo assim, pela avaliação do Capes, em termos de qualidade dos programas oferecidos, a UFRJ é a universidade com posição privilegiada, segundo o pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, José Luiz Monteiro. O total de pós-graduandos chega a quase dez mil.

No entanto, mesmo ostentando currículos como este, nos últimos anos a UFRJ ficou ausente dos fóruns externos por conta das administrações anteriores. Fazer com que a Universidade voltasse a marcar presença fora dos seus *campi* foi uma das primeiras providências adotadas pelo pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa. Ele está no cargo há três anos, uma vez que o assumiu ainda na curta gestão de Carlos Lessa.

O espaço importante que a Universidade recuperou foi no Fórum de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação. Hoje, o pró-reitor da PR-2 é o representante das universidades federais no diretório nacional desse fórum. A UFRJ também voltou a se fazer presente em vários outros fóruns: no Capes, CNPq, Ministério da Ciência e Tecnologia, Faperj. A UFRJ, segundo Monteiro, pela sua importância como uma das maiores do país, tem papel de destaque, por isso sua presença é reivindicada nos mais significativos fóruns do meio acadêmico. Internamente, o pró-reitor disse que acabou com a lacuna existente entre a pós-graduação e o Conselho de Ensino para Graduados (CEPEG). “Passamos a fazer reuniões periódicas com os coordenadores dos programas,

nos moldes que o professor Aloísio faz com diretores de unidades e decanos.”

APG – Outra iniciativa do pró-reitor nestes três anos foi aproximar a PR-2 da Associação dos Pós-Graduandos (APG), o que já está rendendo bons dividendos. Juntos realizarão um trabalho inédito na UFRJ, que é traçar o perfil dos alunos da pós-graduação. Até hoje isso só é feito com os ingressos nos cursos de graduação, que respondem ao questionário socio-econômico quando da inscrição ao vestibular. “Com a ajuda da Escola de Serviço Social estamos montando um questionário que vai levantar informações de cará-

ter social e acadêmico, revelando, por exemplo, o uso que esses estudantes fazem das nossas instalações e sobre as suas demandas. A partir daí, a gente vai poder programar políticas que possam atender às necessidades deles”, explicou Monteiro.

Essa iniciativa completa outra em fase de implantação pela PR-2, que é a Divisão de Assistência aos Estudantes da Pós-Graduação. Existe por parte do público, segundo Monteiro, uma visão deturpada de que o aluno de pós-graduação não é carente. “Isso é errado e são poucos os que recebem bolsa, e mesmo os bolsistas se vêm de fora, não têm como

se manter no Rio de Janeiro. O questionário vai direcionar os que têm mais carência de assistência e do que precisam”, afirmou. Uma das lutas constantes da PR-2 é pelo aumento do valor das bolsas de mestrado e doutorado concedidas pelo Capes e CNPq, hoje de R\$ 855,00 e R\$ 1.267, respectivamente. Depois de dez anos de congelamento, ano passado elas foram reajustadas, mas o pró-reitor garante que continuam defasadas em termos históricos.

A partir da gestão de José Luiz Monteiro, o processo de distribuição de bolsas passou a ser feito pelo CEPEG. “Com isso estabelecemos critérios mais homogêneos”, disse.



JOSÉ LUIZ MONTEIRO. “Entre as federais, a UFRJ é a que mais oferece cursos de pós”

Bolsas do CNPq

Outra atuação importante da PR-2 foi conseguir que o CNPq aumentasse o número de bolsas de iniciação científica, que passou de 714 para 764. Com mais as 400 bolsas da Reitoria, serão concedidas aos estudantes a partir de agosto 1.164 bolsas. “Isso permitirá atender a 70% da demanda que veio no recente edital de seleção”, calcula. Além disso, informou, duas outras ações deram resultado positivo. A primeira foi um convênio com o Cnpes que rendeu mais 30 bolsas de mestrado para este ano, e mais 30 para 2006. A segunda foi o edital dos chamados CT-Infra, um projeto para o qual concorriam todas as universidades do país para conseguir recursos para infra-estrutura de pesquisa. A UFRJ foi a primeira colocada e recebeu R\$ 6,4 milhões.

Apoios importantes – Apesar das dificuldades financeiras, a PR-2 investe os recursos do Proap da ordem de R\$ 300 mil no apoio aos programas menos qualificados no Capes, para que consigam uma melhoria na qualidade do seu desempenho e alcancem progressão na sua avaliação; participa de iniciativas como a Jornada de Pesquisadores; garante bolsas de iniciação científica aos alunos que integram a Orquestra Sinfônica, da Escola de Música e aos estudantes de nível médio do Colégio de Aplicação. É também política dessa Pró-Reitoria apoiar a publicação de periódicos produzidos pelas unidades, pois são materiais fundamentais para linhas de pesquisa.

Verbas escassas na Prefeitura

Prefeito faz milagres para administrar Cidade Universitária, mas se diz satisfeito com os resultados

O prefeito da Cidade Universitária, Hélio de Mattos, assumiu há um ano o desafio de administrar uma área que corresponde ao território dos bairros de Ipanema e Leblon juntos, em meio a uma série de problemas de segurança no *campus* do Fundão. Com uma população de cem mil pessoas circulando diariamente pelos seus *campi*, se fosse um município, a UFRJ seria o 23^a no *ranking* dos maiores do estado, de acordo com o IBGE.

A Prefeitura universitária responde pela administração da Ilha do Fundão, do *campus* da Praia Vermelha e das unidades isoladas (IFCS, Faculdade Nacional de Direito,

Escola de Música, Observatório do Valongo e CAp). Hélio de Mattos faz milagre para organizar o transporte, a iluminação, infra-estrutura e a segurança na sua cidade com recursos escassos de orçamento engessado.

Apesar das adversidades, o prefeito disse que está satisfeito com os resultados do seu trabalho. Especialmente na área de segurança, que ele considera ter melhorado 100% em relação à situação anterior. Mas a falta de pessoal, principalmente na Vigilância Patrimonial, é um problema que dificulta os planos do prefeito: "Administrar a UFRJ exige um trabalho intenso para a Prefeitura. Ne-

cessito com urgência que o governo federal abra concurso para 100 vigilantes, para poder se fazer um mínimo de gerenciamento de trânsito e de segurança nessa cidade. Também falta gente na Divisão de Manutenção, com um número reduzido de pessoal de apoio, o que é um problema, porque são carreiras extintas."

À PR-4 foi entregue um relatório sobre a necessidade de pessoal. Hélio de Mattos afirma que irá a Brasília com o reitor para lutar por reabertura de concurso, principalmente para a Vigilância: "Precisamos ter imediatamente um concurso para 100 vigilantes. Vamos tentar reverter

a lei que extinguiu a vaga para o cargo de vigilante, e estamos também lutando para a obtenção do porte de arma. Nós vamos levar a Brasília, ao ministro da Educação, a nossa preocupação sobre a falta de pessoal. Nós estamos investindo na Vigilância da UFRJ recursos vultosos. No sistema de câmeras e cabines estamos investindo R\$ 1,5 milhão. Mas precisamos de gente para o sistema funcionar."

RECURSOS - Os recursos da Prefeitura são centralizados na Superintendência Ge-

ral de Serviços (SG-6). É assim com todas as Pró-Reitorias e o ETU, segundo explica Hélio: "Eu tenho toda a liberdade de executar o meu serviço. Capina do Fundão, poda de árvores, colocação de mais ônibus, compra de material para fazer a manutenção etc. Tenho tido todo o apoio do reitor. O montante varia de acordo com os recursos da universidade." Porém, a "liberdade" acaba esbarrando no problema orçamentário da UFRJ, afetando outras áreas e projetos sob responsabilidade da Prefeitura.

Problemas no orçamento

"O orçamento que foi aprovado em Brasília é liberado aos poucos", disse Hélio de Mattos. "Do nosso recurso total uma parcela apenas foi liberada, e isso está atrapalhando a licitação da empresa de vigilância". A colocação das guaritas nas entradas do *campus* do Fundão está atrasada por conta disso, o que acaba por emperrar toda a programação feita para a segunda etapa do projeto de segurança. Além disso, o engessamento do orçamento é outro problema: "Não podemos mexer nas rubricas. Então você tem recursos na faixa de R\$ 12 milhões, por exemplo, para fazer obras, mais não tem recursos para comprar papel higiênico. Existe uma sobra na verba para manutenção de bens e imóveis, mas não posso usar para comprar um carro para a Vigilância. Isso é ruim. Não termos um orçamento global é desgastante pra mim. Esse é o nosso grande problema. Então, nosso dia-a-dia é muitas vezes estar brigando por verbas para manutenção. Verbas de custeio é o nosso maior entrave."

Sobre a sua gestão de um ano, o desafio que aceitou, Hélio diz estar plenamente satisfeito: "Uma boa parte desse desafio eu pude cumprir. Hoje nós temos um serviço de manutenção da iluminação do Fundão, temos enfim todo o cuidado com o *campus* que envolve capina, cuidado com o asfalto etc. Na questão da segurança, o esforço derivou em coisas boas. Quando eu entrei, de julho para cá houve uma mudança de 100%. Cinco carros chegaram, 20 novos rádios, toda a Vigilância hoje é uniformizada. Hoje nós conseguimos trabalhar de 6h até às 23h com 12 vigilantes, através de um revezamento nas folgas."

NOVOS DESAFIOS - O prefeito diz que não pode prever o próximo ano. Mais tem muitos projetos: "Estamos colocando no orçamento do ano que vem a quantia de um projeto de R\$ 2,5 milhões para trocar toda a iluminação das ruas e avenidas da Ilha do Fundão no padrão da Linha Vermelha e Amarela. Queremos trocar toda camada de asfalto das vias municipais. Esse é um segundo desafio. Outro desafio é a rede de esgoto e a rede de águas pluviais. Outro grande desafio é a melhoria do transporte. Com boa vontade conseguiremos abrir as linhas de integração do metrô do Estácio com a Ilha do Fundão."



MATTOS. Apesar das dificuldades, diz que não se arrepende "do desafio" que aceitou

UFRJ: O maior programa de bolsas do país

Hoje, mais de três mil alunos da UFRJ são bolsistas, ou seja, dez por cento dos 33 mil alunos matriculados na graduação. Ao rejeitar as cotas sociais, a Universidade driblou as dificuldades para atacar a questão do acesso oferecendo condições para a permanência de mais alunos de baixa renda na instituição. Somente este ano foram concedidas 1.750 bolsas de assistência estudantil, no valor de R\$ 260,00 cada. “Não há no Brasil nenhuma instituição com um programa de bolsas de assistência como a nossa”, garantiu o pró-reitor de Graduação, José Roberto Meyer.

No balanço que fez de dois anos de gestão, o pró-reitor reafirmou: “A prioridade dessa Reitoria é a graduação” e, do ponto de vista do acesso e da permanência, afirmou que a “política de bolsas de assistência é a grande demonstração de que estamos imbuídos desse intento”. Ele apontou como outra iniciativa da Reitoria nesse sentido o resgate das bolsas de monitoria, atualmente mil, além das bolsas de iniciação artística e cultural. “E ainda criamos uma modalidade de bolsa, que são as bolsas para os estudantes que trabalham nos Laboratórios de Informática de Graduação, nos LIG”, acrescentou.

Reforço à prioridade – A principal, segundo Meyer, é o esforço da PR-1 em estreitar as relações com as coordenações dos cursos. Outras duas são: a decisão da Reitoria de priorizar a alocação dos novos funcionários nas secretarias acadêmicas e nas bibliotecas, para melhorar o atendimento aos estudantes, e as medidas adotadas pelo prefeito Hélio de Mattos para tornar o *campus* do Fundão um lugar seguro, e com um

sistema de transporte interno e externo eficiente, até às 22h. Outro feito que considerou positivo foi a volta da entrega do diploma de Dignidade Acadêmica aos alunos que concluem o curso com alto grau de rendimento em termos de notas.

MAIS VAGAS – Embora o Conselho de Ensino e Graduação (CEG) tenha rejeitado as cotas, Meyer avalia que a ampla discussão sobre o tema realizada na UFRJ, com a participação de representantes do movimento social, reitores e pró-reitores de outras instituições e até da Secretaria de Inclusão Social do governo, fez com que dentro

do Centro de Ciência da Saúde (CCS) vários cursos oferecessem mais vagas no próximo vestibular, e até o turno da noite. Houve, ainda, a criação de novos cursos: Ciências Biológicas, modalidade Física, que será ministrado pelo Instituto de Biofísica; aprovada uma nova turma de licenciatura em Ciências Biológicas, modalidade Médica, em Macaé, que será a primeira experiência de interiorização da UFRJ. Citou ainda a aprovação pela Escola de Educação Física e Desportos de uma nova turma de bacharelado diurno, com 40 vagas por semestre, e a criação do curso de Biblioteconomia

em Gestão de Informação, pelo CCJE, e a Faculdade de Administração.

No balanço geral, Meyer contabiliza: são 231 novas vagas para o próximo vestibular, o que, segundo ele, corresponde a um aumento de 3% a 4% do total das 6.300 vagas oferecidas. “Isso sina-

liza para a universidade a importância de estar tentando construir formas de aumentar o acesso dos estudantes brasileiros numa universidade pública de qualidade”, pontuou. Outro dado que acha importante foi o aumento do número de vagas nos cursos noturnos.

Cursos a distância

O pró-reitor também comemora a recente aprovação pelo Conselho Universitário dos cursos de licenciatura em Biologia e Física a distância. Os cursos já existiam, mas funcionavam com uma aprovação a título experimental do CEG. A primeira turma deverá se formar no próximo ano. Meyer explicou que os cursos, na verdade, são semipresenciais: além das aulas pelas internet, os alunos contam com monitores para tirar dúvidas, com dia e hora marcados, nos pólos, que são vários espalhados em todo o Estado do Rio de Janeiro, e ainda têm à disposição material didático impresso.

Depoimentos de alunos a membros do CEG e Consuni, em recente visita ao pólo de Pirai, atestam a qualidade dos cursos, afirmou o pró-reitor. No momento, o curso de Física a distância tem mais alunos do que o presencial. O Cederj, órgão estadual, administra o consórcio de universidades públicas que oferecem os cursos a distância. Fazem parte desse consórcio a UFRJ, UFF, Uni-Rio, Uerj, Rural e Uenf.

VAGAS OCIOSAS – Este problema está sendo resolvido, segundo o pró-reitor, com as unidades, pois o objetivo é não deixar nenhuma vaga sem ser ocupada. Uma das formas adotadas é saber do estudante que não está frequentando as aulas o seu interesse em permanecer na universidade. Outra forma de preenchimento dessas vagas é através de processo de transferência externa, mudança de curso ou isenção do vestibular.

RECURSOS – Com os R\$ 2,2 milhões destinados à PR-1 pela renovação do aluguel da área cedida ao Cenpes, Meyer pretende, ainda este ano, iniciar obras de melhorias no Alojamento e colocar cabeamento para acesso daqueles estudantes à internet. Outra parte dos recursos vai ser aplicada na otimização do Siga, incluindo a compra de mais equipamentos. “No próximo ano o sistema estará muito mais eficaz, com maior velocidade e capacidade para o pleno acesso”, prometeu.

Esta iniciativa faz parte das preocupações do pró-reitor em estar sempre pronto para responder aos anseios e angústias dos estudantes. Ex-aluno da UFRJ militante do movimento estudantil na década 1980, e professor do Instituto de Bioquímica, Meyer se orgulha de contar com a confiança dos estudantes: “Ao longo desses dois anos tenho tido a experiência de ter sido chamado para estar intermediando momentos de crise, a primeira na Faculdade de Direito, depois no IFCS e Escola de Comunicação.”



MEYER. Novas modalidades de bolsas no programa

BRASIL